

INTERPRETAÇÕES SOBRE O SER E O DEVIR

Por Pedro Leão

*"In the evidence and the limit the
appearance of being*

*To create the conditions:
The truth appears.*

*Photography:
Responses of the Real
to thoughts questioning*

*The infinite and the frame:
The mind is the means,
The mind is the limit.*

Levels of reality.

Contingent and Infinite.

Interpretations of Being".

*de Paradiso: Photography and Video, de Silvio Wolf
(2006, p. 14)*

Simultaneamente formal e conceptual, o trabalho fotográfico de Virgílio Ferreira cria uma poesia moderna própria, questionando de forma crítica e imaginativa o nosso momento atual e, neste caso em particular, a diáspora portuguesa no mundo.

Na série "Being and Becoming" (Ser e Devir), aqui publicada na coleção "scopio Projects"¹, é a natureza enigmática das imagens, bem como as duplas exposições, composições finais e dípticos que libertam o autor das convenções rígidas do realismo e da composição

1 O universo de interesse do projeto "Linha Editorial scopio" é o da imagem de Fotografia Documental e Artística relacionada com Arquitetura, Cidade e Território. O projeto editorial está estruturado através de diversas coleções que divulgam e exploram as temáticas de interesse através de diferentes perspetivas sob a forma de coletâneas ou livros de autor em cada uma das suas coleções.

fotográfica tradicional. Esta exploração específica do meio fotográfico é bastante interessante: a exposição múltipla e justaposição criam uma narrativa visual ficcional muito pessoal sobre os nossos territórios, o nosso tempo e o sentido da vida do ser humano neste mundo.

A série de Virgílio Ferreira é uma obra aberta², um imaginário poético estruturado em dípticos, que colocam, lado a lado, imagens não convencionais, fazendo colapsar o tempo, a memória e a existência da diáspora portuguesa, e desafiando deste modo, através de novas formas, os limites de indexação da imagem fotográfica e do processo da memória despoletado pela fotografia.

O tratamento técnico e elegância de Virgílio Ferreira fazem com que as suas narrativas visuais sejam esteticamente únicas, com uma identidade e poesia próprias. É importante realçar como o trabalho de Virgílio, principalmente a partir de "Daily Pilgrims", se tem vindo a posicionar de forma mais notória no campo internacional da 'arte contemporânea', reinventando de forma continuada a sua expressão, explorando criativamente a fotografia para melhor transmitir os seus sentimentos e postura crítica em relação ao nosso mundo atual multifacetado e complexo e, neste caso, ao mundo psicológico e existencial das pessoas provenientes da diáspora portuguesa.

Virgílio é também um fotógrafo-artista que se posiciona no mundo da arte contemporânea como um autor muito comprometido para com o universo da fotografia, para quem os aspetos formais e técnicos da fotografia desempenham um papel importante e definem de forma relevante o universo conceptual dos seus projetos, o que significa que está mais próximo do tratamento técnico e da estética de nomes como Harry Callahan³ – que também fez

2 O conceito de "abertura" foi explicado por Umberto Eco no seu livro seminal *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas Poéticas Contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

3 *The Contest of Meaning: Critical Histories of Photography* [O Debate sobre o Significado: Histórias Críticas da Fotografia], por Richard Bolton (ed.), MIT Press, 1992: "Callahan's photography had more in common with the work of Minor White, or even Stieglitz, than it did with Moholy's. Although one could argue that certain kinds of work Callahan produced after coming to Chicago – the collages, multiple exposures, series, and superimpositions – were the result of his exposure to Moholy's ideas..." p. 100 - 101 ["A fotografia de Callahan estava mais perto do trabalho de Minor White, ou mesmo de Stieglitz, do que com o de Moholy. Embora se possa argumentar que certos tipos de trabalho que Callahan produziu depois de chegar a Chicago – as colagens, a múltipla exposição, as séries, as sobreposições – eram o resultado de seu contacto com as ideias de Moholy..."]

BECOMING – The vague and mystifying nature of identity

By Álvaro Domingues

In a well-known seminar, Claude Levi-Strauss insists on the vague and mystifying nature of identity as no more than a symbolic and narrative device that feeds itself on a huge variety of real and imaginary facts: "...une sorte de foyer virtuel auquel il nous est indispensable de nous référer pour expliquer un certain nombre de choses, mais sans qu'il ait jamais d'existence réelle" [a sort of virtual center to which we must refer to explain certain things, but without it ever having a real existence]¹. In this line of thought, the author asks whether it is not better to search for the facts or objective conditions that the alleged identity is a symptom or a reflective mirror, instead of invoking the ghosts coming out of the cheap psychology of identity.

Levi-Strauss refuses the common-sense idea that cultural identity manifests itself in the cultural traits of a group or ethnicity (language, religion, art, etc.), conferring individuality and expressing the sense of belonging of each individual to that group; such characteristics would endow a coherent unit, fixed once and for all through socialization and family legacies. Unlike ethnic identities of pre-modern societies, 19th-century European nationalisms would shape, for good and evil, the nation-state model with all its mythologies and identitarian fictions.

Today most discourses on identity focus on two extremes: globalization and its processes of massification (resulting from the development and global extension of the modernization process according to the Western model) and the emergence of multiculturalism as a fragmentation of spaces (due to mass culture) seeking recognition/dignity, authenticity and a place in the public sphere, as Charles Taylor writes:

Identity is a complex concept which refers both to the psychological dimension of self-consciousness and to the social and political dimension of collective identifications. With modernity, identity gains a new meaning. It does not only allude to the horizon of a moral world, as in ancient times, but to something personal and original which must be recognized by others. In the case of nations,

1 Claude Levi-Strauss (dir.), (1987), *L'Identité*, Ed. Quadrige, PUF, PARIS, p.10.

experiências com justaposições e múltiplas exposições – ou de outros autores mais recentes, muito diferentes entre si, mas com quem se pode relacionar devido às suas estratégias artísticas e plásticas aplicadas à fotografia para questionar a realidade e a nossa cultura. Veja-se, por exemplo, artistas contemporâneos como Idris Khan e o seu uso da múltipla exposição despojando os significantes temporais e fazendo ruir o tempo e espaço das imagens das fábricas industriais de gás de Bernd e Hilla Becher⁴, ou as turvas paisagens urbanas de Uta Barth⁵, ou até mesmo as séries fotográficas inovadoras de Helen Sear que têm em comum com a obra de Virgílio a experimentação e as estratégias inovadoras aplicadas à fotografia para assim questionar o próprio mecanismo da visão e desafiar as nossas certezas culturais, o tempo histórico e a nossa consciência.

Pode-se dizer que, dentro deste quadro fotográfico individual e contemporâneo, Virgílio Ferreira é não só capaz de ir para além da representação tradicional, quando esta é entendida como indexação e rigor visual relativamente ao seu objeto, mas também de nos oferecer um vislumbre quanto ao retrato espiritual e existencial da matéria abordada. A fotografia, como sabemos, não é um meio capaz de representar com precisão a realidade⁶. A série de Virgílio Ferreira confirma essa ideia muito contemporânea uma vez que desafia certezas com um conjunto de imagens que criam, ao mesmo tempo, um documentário social e uma narrativa visual artística, abordando o universo migratório português de uma forma metafórica e indeterminada; é uma obra de arte social aberta, em que cada um de nós é livre de criar a sua história revelando mais do que aquilo que é apenas real, fazendo-nos sentir e compreender de uma forma muito pessoal e poética como a diáspora portuguesa e a vida fazem parte de um mundo global.

4 *The Edge of Vision: The Rise of Abstraction in Photography*, by Lyle Rexer, aperture Foundation, 2009, pp.186 – 188.

5 *Uta Barth: The Long Now*, published by Gregory R. Miller & Co. Text by Jonathan Crary, Russell Ferguson, Holly Myers, 2010.

6 Tom Gunning, "What's the Point of an Index? Or, Faking Photographs", *NORDICOM Review*, vol. 5, no.1/2 (September 2004), p.41.